www.psicologia.pt
ISSN 1646-6977
Documento produzido em 17.04.2016

A CULPA NA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE

2015

Flávia Andrea Velasco Pennachin
Psicóloga graduada pelo Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas em 1996. Mestre em Ensino, história e filosofia das ciências e matemática pela Universidade Federal do ABC (2013). Doutoranda da Universidade de São Paulo. Docente do curso de Psicologia da FMU (Brasil)
flavia.pennachin@gmail.com

Catalina Naomi Kaneta
Psicóloga graduada pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) em 1998. Especialista em Psicologia do Esporte pelo Instituto Sedes Sapientiae (2003). Mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo IPUSP (2009). Docente do curso de Psicologia da FMU (Brasil)
catalina.kaneta@gmail.com

Juliana Collato Barian
Psicóloga graduada pelo Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas (Brasil)
collato6@gmail.com

RESUMO

O artigo surgiu com o objetivo de investigar a culpa dentro do processo de constituição do psiquismo, no âmbito da clínica, dentro de uma concepção de subjetividade na perspectiva sócio-histórica. Tem como metodologia um levantamento bibliográfico e contribuições de grandes autores teóricos da psicanálise. É ilustrado o caso clínico atendido dentro do Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas, sendo analisada a formação da culpa no desenvolvimento do sujeito.

Palavras-chave: Subjetividade, culpa, psicanálise

INTRODUÇÃO

As reflexões aqui presentes partem do questionamento frente à culpa na Construção da Subjetividade. Tendo como objetivo investigar a culpa dentro do processo de constituição do psiquismo, no âmbito da clínica, dentro de uma concepção de subjetividade na perspectiva sócio-histórica e contribuições de grandes autores teóricos da psicanálise.

O trabalho tem como base o estudo de caso, realizado em dezessete atendimentos, com duração de 50 minutos.

Partiremos, pela observação em clínica, de que o sofrimento psíquico se instala neste sujeito, frente as imposições, do superego (estrutura superegóica), que se forma a partir de um histórico sócio- cultural do sujeito. No qual a psique atua na relação da interação do sujeito com o mundo.

A constituição do sujeito ocorre por meio da experiência; em que aprende a ser um membro da sociedade, que é denominada de socialização. É a partir da socialização que ocorre a imposição de padrões à conduta individual em que se encontra inserido.

No entanto, o desenvolvimento do psiquismo, é moldado de forma a fazer dele membro reconhecido e participativo no contato individual com o mundo.

Dessa forma, passa a refletir sobre si mesmo e a escolher um caminho. Sendo necessário destacar, que ninguém nasce pronto, mas, com possibilidades exploradas ao longo de suas vidas, constituindo-se uma construção coletiva, porém com marca da individualidade de cada pessoa.

Sendo a partir da experiência com o mundo que passamos a enxergar o outro a nossa volta. Construindo assim, uma identidade nesse primeiro contato.

Assim, na linguagem de Adorno (2003, p.16) "a identidade seria a experiência que articula-se a objetividade e subjetividade. Sendo compreendida através de suas múltiplas dimensões culturais, políticas, econômicas e sociais. De forma, a estabelecer elaborações internas e externas em suas relações".

Em outras palavras Duarte (2004) nos leva a compreensão de Leontiev que "o processo de objetivação da cultura humana não existe sem o seu oposto e ao mesmo tempo complemento, que é o processo de apropriação dessa cultura pelos indivíduos" (DUARTE, 2004, p.50)

Sendo assim, o sujeito busca obter autonomia, diante de um processo educativo, por meio da relação de objetivação, como força produtiva, entre o sujeito e a realidade em que se encontra inserido. Tendo a família, como primeira ligação, que se extende após a relação com o outro, e o mundo em que se encontra inserido.

Segundo Rey (2013, p.18) "a personalidade representa a autonomia psicológica da pessoa que vive na sociedade, seu modo psicológico individual diante do social".

Dessa forma, a socialização seria um dos sistemas simbólicos que propiciam o sujeito a conhecer uma "realidade" que acontece no seu meio e amplifica o sentido da cultura que o próprio sujeito edifica.

"Na medida em que a atividade humana se objetiva em produtos culturais, sejam eles materiais ou não, temos, como consequência, que o processo de objetivação do gênero humano é cumulativo. Assim, no significado de um objeto ou fenômeno cultural está acumulada a experiência histórica de muitas gerações". (DUARTE, 2004, p.51).

No entanto, o homem é um ser social, que desde que nasce, necessita de convivência e dos cuidados de uns com os outros para sobreviver.

Desta maneira, precisa aprender a se relacionar, sendo criadas normas e leis que regem o comportamento dentro das relações em que se encontra inserido. De tal modo que dentro de convívio social ocorra mudança, diante do processo de objetivação.

Nesse sentido, Galvão (1995) traz contribuições de Wallon e nos leva a uma compreensão frente à cognição e afetividade, ao ter sentimentos variados, nas relações confltituais, onde se estabelece níveis sócio-culturais no contato ao longo da vida. Porém, convém ressaltar que essa relação em sua interação social é de total importância para o desenvolvimento do sujeito.

Consideramos a relação entre o mundo e a consciência, que rege a construção do sentimento de culpa, diretamente ligado à formação do inconsciente. Sendo o superego como a lei, que sustenta a linguagem. No sentido, que o eu, é a referência do outro, na ordem do amor, como ideal do eu.

SUJEITO NA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE

PROCESSO FORMATIVO DO EU

Constituir-se como sujeito nos permite a compreensão de entrar em um conjunto de relações que constituem o sentido da construção da subjetividade na realidade em que se encontra inserido.

Para isto, procura aprimorar-se, crescer em conhecimentos, em descobertas, em invenções, em uma busca contínua em se constituir como sujeito.

Assim, iniciamos o capítulo abordando a visão de Leontiev (1978), que nos parece responder algumas questões frente a evolução do homem, no seio da cultura.

Como diz Leontiev (1978, p.7) "o desenvolvimento do homem individual, que vem ao mundo sem defesa e desarmado possui ao nascer uma aptidão que apenas o distingue dos seus antepassados animais: a aptidão para formar aptidões especificamente humanas".

Podemos perceber que ao nascer estamos submetidos a construção da subjetividade e aptidão de apropriação da cultura em que estamos inseridos ao nascer. Sendo o homem de natureza social, que provém de sua vida em sociedade.

Contrapõe que o homem é um animal que fala, que raciocína, que atribui significados aos objetos, criando uma representação que propiciará um significado à realidade que o cerca.

Segundo Charlot (2000, p. 53): "Nascer, aprender é entrar em um conjunto de relações e processos que constituem um sistema de sentido, onde se diz quem eu sou, quem é o mundo, quem são os outros".

Cada indivíduo torna-se humano na interação com o mundo social. A condição humana é um mundo onde o humano existe sob forma de outros homens e de tudo o que a espécie humana construiu anteriormente.

Dessa forma, a socialização é o que propicia o homem a conhecer realidade, e a partir de suas necessidades, criar e evoluir, e isto só é possível devido à sua capacidade de simbolizar, porque é um ser simbólico, que atribui significações a tudo o que o rodeia, inclusive a ele próprio. Nesse sentido, tomamos como exemplo, quando o sujeito cria uma representação, seguido do que propiciará um significado à realidade que o cerca em diversas situações de aprendizagem em seu relacionamento. Tais comportamentos podem ser notados de modo individual, grupal ou até mesmo em instituições que denominam o seu comportamento. De modo a ser o agente da sua própria história, e rompendo com o que foi instituído, criando seu próprio significado em torno do meio que se encontra inserido.

Então, se o sujeito é o único que pode criar símbolos e a linguagem nada mais é do que um sistema simbólico, podemos afirmar que a linguagem verbal faz parte da essência humana, sendo a construção e produto da razão, pois se o sujeito necessita nomear os objetos e, assim sendo, traz à consciência, através do mecanismo da memória, um fenômeno, que pode estar distante, pode vir a tona.

Segundo Vygotsky (1984, p.30) a questão da linguagem está ligada na relação com o pensamento humano. Ao definir o desenvolvimento cognitivo (mental) diante das experiências no decorrer da sua história social.

Portanto é neste processo que o homem (ser social) se desenvolve e colabora para a transformação da sociedade. O homem se reconhece como diferente, considerando sua individualidade passando por estranhamentos (conflitos e choques, entre o que é e o que poderia ser).

Segundo Vygotsky (1984) o homem (simbólico) sempre procurará interpretar e atribuir significações a tudo o que o que o rodeia, inclusive a ele próprio e para que conheça e interprete o mundo à sua volta é necessário fazer uma mediação entre ele e os fenômenos, criando uma representação que propiciará um significado à realidade que o cerca.

No entanto, Vygotsky (1984) nos leva a compreensão que o homem atribui na linguagem, significados aos objetos. Desse modo, que sempre procurará interpretar e atribuir significações a tudo o que o rodeia, inclusive a ele próprio, para que conheça e interprete o mundo à sua volta. Como exemplo, quando através da fala propicia um significado diferente para a situação conflitual que se encontra inserido, ao fazer uso da linguagem primeiro no pensamento, e depois ao modo verbal.

Teoriza Vygostky que "a fala adquire uma função sintetizadora, a qual por sua vez, é instrumental para se atingirem formas mais complexas da percepção cognitiva". (VYGOSTKY, 1984, p.37).

Desta forma, podemos perceber que é através da linguagem, que o conhecimento se constitui a interação social e a comunicação verbal para aquisição da cultura. Sendo a partir da fala, que o sujeito trás conteúdos que são ditos, como verdade absoluta, mas, que passam a dar sentido, conforme se constrói a história do sujeito através do outro.

Então, se o sujeito, vive em sociedade, constrói e é construído no coletivo, por conseguinte, é no convívio social que ele edifica a história e se faz sujeito dela.

Sendo a cultura resultante dessa ação transformadora, que rege símbolos e regras que norteiam sua constituição subjetiva. Nesse sentido, tomamos como exemplo, a interação social e a comunicação do sujeito com o mundo, que permite a construção da cultura, ao criar símbolos em que nomeia objetos em sua construção cognitiva.

PAPEL DAS EMOÇÕES NAS INTERAÇÕES COM O MEIO

Ao buscar compreender como se dá a constituição sujeito, de acordo com suas condições de existência. Compreendemos que é no primeiro ano de vida, que se inicia os estados afetivos, em que "a emoção encontra-se na origem da consciência, operando a passagem do mundo orgânico para o social, do plano fisiológico para o psíquico". (GALVÃO, 1995, p.57).

Sendo, a emoção integrada no meio social, de forma a organizar, a parte afetiva, cognitiva e fisiológica, em uma construção contínua.

Segundo Galvão "no bebê os estados afetivos são, invariavelmente, vividos como sensações corporais, e expressos sob a forma de emoções" (GALVÃO,1995, p.62).

Assim, o conceito de emoção, é como uma organização psíquica, e subjetiva que expressa variados sentidos simbólico-emocionais, dentro do comportamento humano. Vividos dentro do meio social e cultural em que está inserido.

Nesse contexto, Rey descreve que "a subjetividade remete às formas de organização e ao desenvolvimento dos processos simbólicos em sua unidade inseparável das emoções". (REY, 2013, p.264).

Em que as emoções possuem papel essencial no desenvolvimento cognitivo do sujeito, ao experenciar situações no meio, mediado pelo o social.

De modo que "todas as experiências vividas no plano social se entrecruzam e se expressam em rápidos desdobramentos simbólicos e emocionais que aparecem estreitamente articulados entre si, gerando cadeias de efeitos que atuam no nível subjetivo". (REY, 2013, P. 264).

A partir disso, o sujeito toma consciência de si e do mundo, através de suas relações, que se estabelece com o meio, e expressa sentimentos mais profundos na vida afetiva, em alterações corporais.

Existindo uma diferença entre emoção e afetividade, como afetividade sendo a experiência vivida, criada através das emoções.

De modo, que "a emoção, tornada consciente, atravessada pelo conteúdo e pelas significações dadas pela cultura, torna-se afetividade". (SILVA, 2007, p.12).

Sendo através das emoções que podemos entender a complexidade dos fatos, ao buscar um significado para os acontecimentos ao longo da vida.

Segundo Galvão (1995):

As emoções possuem características específicas que as distinguem de outras manifestações da afetividade. São sempre acompanhadas de alterações orgânicas, como aceleração dos batimentos cardíacos, mudanças no ritmo da respiração, dificuldades na digestão, secura na boca. Além dessas variações no funcionamento neurovegetativo, perceptíveis para quem as vive, as emoções provocam alterações na mímica facial, na postura, na forma como são executados os gestos. Acompanham-se de modificações visíveis do exterior, expressivas, que são responsáveis por seu caráter altamente contagioso e por seu poder mobilizador do meio humano. (GALVÃO, 1995, p.61).

No sentido, que as emoções , estabelecem um contato com o ambiente, nas relações vividas, e na organização psíquica, de modo a se constituir como sujeito, na relação social, ao expressar sentimentos visíveis na construção do real. De modo, a estruturar o seu pensamento. (GALVÃO;1995; p.61).

Assim, Wallon, define "a cognição, como a afetividade, que brota das entranhas orgânicas e vai adquirindo complexidade e diferenciação na relação dialética com o social" (FERREIRA, A. L.; ACIOLY-RÉGNIER, N. M , 2010; p.28).

Desse modo, a afetividade está presente através do contato com meio social, tendo papel fundamental no desenvolvimento, que o molda de acordo com suas vivências, ao demonstrar desejos e vontades que estão voltadas para o objeto e diretamente ligadas a consciência.

"É neste sentido, e na afirmação de Wallon de que o indivíduo é geneticamente social, que se compreende a citação em epígrafe: o socius ou o outro é um parceiro perpétuo do eu na vida psíquica". (ALMEIDA, 1997, p.111).

Sendo notável a importância de um "outro" para que ocorra a construção da própria subjetividade. Dentro de um contexto de integração, e conflitos, na formação psíquica.

Esse contato com a experiência, pode nos trazer uma compreensão, de como "se estrutura o símbolo do sujeito, situando aquilo que é seu, e o que recorda do outro". (LACAN, 1953-1954, p.96).

A SUBJETIVIDADE E SUAS IMPLICAÇÕES

LACAN E WALLON: CONFLITO EU-OUTRO

É dentro do processo de relação do sujeito com o meio e cultura que se constrói a subjetividade, entre as experiências psíquicas, que envolvem o corpo e as emoções na relação entre o mundo e a consciência.

Na definição de Wallon (1995) , a construção da subjetividade parte do desenvolvimento cognitivo na investigação da consciência frente a realidade que o cerca.

Sendo assim, Galvão descreve "o estado inicial da consciência, que pode ser comparado a uma nebulosa, uma massa difusa, na qual confundem-se o próprio sujeito e a realidade exterior". (GALVÃO, 1995, p.50).

Deste modo, na teoria de Wallon, a formação do eu está inteiramente ligada à consciência e a realidade exterior.

Na "passagem de uma consciência estritamente individual (egocêntrica) a uma consciência social, aberta à representação do outro e capaz de relações de reciprocidade". (GALVÃO, 1995, p.50).

Nesse sentido, a construção da subjetividade parte da tomada de consciência de si e do mundo, que é marcada pelo desenvolvimento cognitivo e afetivo na relação do sujeito com o meio social, sendo vista no primeiro ano de vida, quando o sujeito ao interagir com o meio, como desenvolvimento da sua integração com o social passa a explorar o contato com o próprio corpo.

Segundo Galvão (1995, p.51) "é pela interação com os objetos e com o seu próprio corpo em atitudes de colocar o dedo nas orelhas, pegar os pés, segurar uma mão com a outra que a criança estabelece relações entre seus movimentos e suas sensações".

No primeiro momento não se reconhece como sujeito, mas, caminha para a individualização, através da socialização, no convívio e contato com o meio social, no qual dentro da instituição passa a estabelecer contato afetivo direto com as pessoas.

"Num estado de simbiose afetiva com o meio, que parece misturar-se à sensibilidade ambiente, e a todo instante, repercutir em suas relações, as de seu meio. A distinção entre o eu e o outro" (GALVÃO, 1995, p.50).

Nesse sentido, compreendemos o contato com meio, como sendo a passagem do desenvolvimento cognitivo, que o faz identificar o que pertence ao meio e o que pertence ao próprio corpo.

"O desenrolar deste processo pode ser acompanhado pelas relações no primeiro ano de vida frente ao espelho, para que se reconheça a imagem refletida, Sendo um processo de integração sensório-motor e projetivo, no desenvolvimento da função simbólica". (GALVÃO,1995, p.51).

O sujeito busca tomar consciência de si ao identificar a sua imagem e conquistar a própria individualização. Sendo reconhecida a teoria de Wallon (1995), de forma peculiar na obra de Lacan (1953-1954), no experimento da imagem refletida no espelho mediante ao reconhecimento da imagem do outro.

Para Lacan a construção do "eu" também está relacionada "a teoria do estádio do espelho, vista como forma total do corpo humano, que dá ao sujeito um domínio imaginário do seu corpo, prematuro em relação ao domínio real". (LACAN, 1953-1954, p.96).

Sendo compreendido "o estádio do espelho", como a construção do "eu" através de uma percepção corporal que propicia a própria imagem, uma constituição subjetiva (e imaginária). Em que "a imagem do corpo dá ao sujeito a primeira forma que lhe permite situar o que é e o que não é do eu" (LACAN, 1953-1954, p.96).

Assim, entendemos que o eu se identifica no outro, no reconhecimento do corpo refletido no espelho. Como sendo o primeiro reconhecimento do corpo em sua totalidade. Que marca o narcisismo frente a sua imagem corporal.

Nesse sentido Wallon, nos fala que "a construção corporal é condição para a construção do eu psíquico, tarefa central do estágio personalista". (GALVÃO, 1995, p.51).

Centrada na formação da personalidade, no sentido, de construir o "eu" na relação com o "outro". Ao distinguir o que pertence ao "eu", e o que vem do "outro".

Na dialética de Wallon sobre o "outro", Galvão nos traz a compreensão que "o outro é um parceiro pérpetuo do eu na vida psíquica". (GALVÃO, 1995, p.56). Assim, entendemos que é na mistura do eu e do outro que se constitui a subjetividade.

Segundo Wallon (1995) quando se fala do "eu" sempre se fala do "outro". Pois, se trata de uma construção como sujeito em uma situação em que o eu se constrói através do outro.

De modo, que podemos exemplificar quando o sujeito passa se constituir como sujeito no meio social, ao integrar no cognitivo, comportamentos do outro, em uma relação afetiva, que possibilita a construção da própria subjetividade, através de identificações com o outro. O que possibilita sua formação e crescimento no meio social em que se encontra inserido.

A CULPA SUBJETIVA

A análise lacaniana, frente ao sentimento de culpa, está diretamente ligada a formação do inconsciente, que se encontra latente, e se manifesta de forma indireta, nas relações do sujeito. (FAGES, 1975, p.50).

Nesse sentido "o ego inconsciente tende a regrar, a medir pulsões instintivas que não são reconhecidas pela consciência. Ele distribui em medida aceitável energias instintivas percebidas como perigosas (angústia) ou proibidas (sentimento de culpa)" (FAGES, 1975, p.50).

Assim, a formação do inconsciente, é conduzida por condutas inadequadas, que podem ser observadas, através do sintoma apresentado, e pela justificativa de uma ação, mediada pelo superego inconsciente do sujeito.

Sendo compreendido por Fages (1975) como resultante do conflito entre o eu e o supereu, que manifesta no simbólico o sistema da linguagem. Na busca de alcançar o mundo real que é introduzido por símbolos, onde os significados se encontram, pelo desejo inconsciente do sujeito.

Dessa maneira, Bleichmar descreve que "o inconsciente se converte no cenário de um julgamento em que dita a sentença de culpa e se submete o sujeito a uma pena que é cumprida através de condutas expiatórias". (BLEICHMAR, 1988, p.100).

Tal, relação com o outro, afeta diretamente a moral ética das neuroses, por condutas que contraponham seus valores. De modo, a criar certo desconforto, nas experiências primitivas, através de situações traumáticas na infância.

Dessa forma, Fages descreve uma "outra formação do inconsciente: os fantasmas. Que são começos de simbolização dos desejos inconscientes" (FAGES, 1975, p.51).

Que podem se manifestar no psiquismo, frente à castração, e aos acontecimentos vividos, através de uma relação imaginária, ligada ao sentimento de "culpa", que não se encontra integrado, dentro do mundo simbólico. Mas, que se liga a angústia, frente à tensão vivida dentro do supereu , como proibidor de sua satisfação pulsional, no complexo de édipo. (FAGES, 1975, p.51).

Sendo a partir desse contexto que se estabelece a "lei do pai" no aprendizado simbólico daquilo que é permitido ou não. (FAGES, 1975, p.51).

Nesta perspectiva, pode-se evidenciar a castração, como algo que é privado do sujeito, e que o leva a uma angústia, em torno do próprio desejo, relacionado ao objeto genital, que passa pela Vertiebtheit no plano imaginário, pelo o registro do amor pelo pai. (LACAN,1953-1954, p.2009).

De modo, que a dualidade pulsional, surge diante a instintos de vida e de morte, em direção ao outro, de forma imaginária. Para Lacan (1953-1954), esse investimento libidinal, passa pela mudança corporal, e está associada a relação de desejo, vivido em relação ao espelho ao outro.

Em que "a libido pré-genital é o ponto sensível, ao ponto de miragem entre Eros e Thánatos,entre amor e o ódio. É a maneira mais simples de fazer compreender o papel crucial que desempenha a libido dita de-sexualizada do eu na possibilidade de reversão, de viragem instantânea do ódio em amor, do amor em ódio." (LACAN,1953-1954, p.209). Como um estado prematuro, e instintivo.

Sendo entendido por Lacan (1953-1954) a reação agressiva, através da relação narcísica que se manifesta pela confusão diante da sua imagem, em que o corpo do outro, é retratado como seu, em que a libido, frente ao amor genital é dirigida ao Ideal do eu.

Nesse sentido, Lacan nos leva a compreender "a reação agressiva à rivalidade edipiana. Afirma que o pai constitui inicialmente uma das figuras imaginárias mais manifestas do Ideal-Ich, como tal investido de uma Vertiebtheit, perfeitamente isolada, nomeada, e descrita por Freud". (LACAN, 1953-1954, p.209).

Nesse sentindo, Lacan vai desenvolvendo dentro da fase edipiana, o ódio em direção ao pai, que se modifica em uma relação de ódio e amor, que oscila durante certo tempo. (LACAN, 1953-1954, p.209 -210).

Segundo Lacan (1953-1954) essa situação marca a tentativa de se desfazer da ilusão frente ao pai, de forma a estruturar a relação imaginária, proveniente do conflito entre Eros (pulsão de vida) e Thánatos (pulsão de morte). Em que a agressividade, é colocada para fora do sujeito, em uma consciência moral, que se dirige contra si próprio, ao oscilar, diante do seu desejo.

"Para o sujeito, a desinserção da sua relação ao outro faz variar, espelhar, oscilar, completa e descompleta a imagem do seu eu. Trata-se de que ele o perceba na sua completude, à qual nunca teve acesso, a fim de que possa reconhecer todas as estapas do seu desejo, todos os objetos que vieram trazer a esta imagem sua consistência, sua alimentação, sua encarnação". (LACAN, 1953-

1954, p.210). Na construção da própria subjetividade, no contato, com o sentimento de culpa inconsciente.

RELATO DO CASO CLÍNICO

A paciente, do sexo feminino, 20 anos, evangélica e estudante do curso de Relações Internacionais apresenta queixa de problemas pessoais, que tem despertado conflitos internos e externos.

Procurou atendimento psicológico através de uma amiga do curso de psicologia e se mostrou com grande dificuldade dentro do seu relacionamento afetivo, onde apresenta sentimento de culpa e remorso ao manter relações sexuais frequentes com o namorado. Mostrou-se ansiosa, confusa e com grande dificuldade de enfrentar situações que envolvem valores enraizados.

Vive com sua mãe e seus três irmãos, sendo a única dos irmãos que não consegue colocar sua opinião, fazendo sempre as vontades da mãe e se esquecendo dela mesmo. Faz o que o outro espera dela e não o que deseja.

Demonstra grande necessidade de ser valorizada, aceita e amada pelo pai e pelo outro, sentindo sucessivas rejeições desde a infância, na escola e perante o pai.

Apresenta uma autoestima muito baixa e medo de ficar sozinha, tendo dificuldade em questões internas não resolvidas e sentimento de pena, por não querer entrar em atrito com a mãe e machucá-la. Vive um relacionamento de um ano e meio e apresenta diversas atitudes e comportamentos que demonstram a sua culpa em manter relações sexuais, após a profecia da líder espiritual.

Por diversas vezes, demonstrou medo de estar em um relacionamento por conveniência e por não conseguir seguir as regras impostas pela a igreja.

Reconhece que a igreja possui um papel paterno em sua vida, tendo dificuldade em se desvincular e lidar com a situação perante a mãe.

Após o término de namoro, passou a diminuir a frequência na igreja e a se relacionar com o antigo ficante, por quem nutre um sentimento antigo mal resolvido. Porém reconhece nele comportamentos semelhantes ao pai, entrando em conflito ao perceber querer ter sua atenção e o seu reconhecimento.

Apresenta sentimento de rivalidade frente às suas irmãs (por parte de pai) por terem convivência direta com o pai e sofrimento por não ter sido escolhida. Demonstra dificuldade em resolver os conflitos com o pai, agindo diferente diante de outros problemas afetivos.

DISCUSSÃO DO CASO CLÍNICO

No decorrer dos atendimentos clínicos, foi percebido, o sofrimento da paciente, pela ausência paterna, numa mistura de ódio e o amor. Sendo evidenciado em sessão, o ressentimento por o pai ter deixado os filhos.

Sabemos por Leontiev e Charcot como o desenvolvimento do homem individual se dá nos primeiros anos de vida, a partir de um conjunto de relações, na interação com o mundo social. De modo, a conhecer a realidade que o cerca, em diversas situações de aprendizagem.

Assim, no processo da formação do sujeito, tanto Vygostky como Wallon trazem através de um estado inicial da consciência, o contato com a realidade exterior, e uma nova organização por imagens e palavras, que advêm de um processo de apropriação de experiências no decorrer da sua história social.

Observamos, então, as emoções, assim como os desejos na vida afetiva da paciente, pela falta do pai. De modo, a evidenciar a simbiose afetiva com o meio, pelas interações sociais, em que busca aquilo que lhe foi negado, ao se envolver em relacionamentos conflituosos, que se espelham no pai comprometido, e que mantém envolvimento coma mãe vez ou outra.

A análise do caso clínico, de acordo com a psicanálise lacaniana, trata de uma rivalidade edipiana, onde o investimento da libido está diretamente ligado à parte sexual, pelo desejo inconsciente de chamar a atenção do pai e desejá-lo para si mesma.

"Para Lacan, o pai é o personagem principal do drama edipiano, seja no Édipo masculino, seja no feminino" (NASIO, 2007, p.139).

Nesse sentido, o desejo sexual é sempre um desejo conflituoso, na relação do que é proibido pelo sujeito.

Sendo notável que a estrutura psíquica da paciente passa a se organizar de modo a ser suportável conviver com a falta do pai, seguido de um sentimento de rivalidade com suas irmãs por parte de pai.

Quando a paciente diz que não sabe, mas que quando vê sua irmã, sente que parece que quer competir para mostrar que ela seria melhor. Tem aí a origem do desejo da posse exclusiva do pai, dentro de um contexto edipiano, em que existe a interdição do objeto incestuoso.

Sendo descrito em seu discurso o desejo pela falta do outro, de modo que seu desejo inconsciente seja mascarado, tendo seu desejo insatisfeito na busca precisa de estabelecer uma constituição do outro.

Dentro de suas relações deseja sempre outra coisa que não seria aquela que é oferecida pelo outro. Entra em conflito dentro dos seus relacionamentos por desejar aquilo que lhe é negado e proibido.

Sendo assim, podemos notar que a paciente em suas relações afetivas, procura se relacionar com aquele que é negado, sofrendo pelo homem que diz amar por ser comprometido.

A paciente apresenta um desejo frustrado pela dor e o pesar. Onde o seu sofrimento está diante de um pensamento consciente, que dilacera e tortura diante das leis regidas pela mãe e pela a igreja, fazendo-a sofrer desmedidamente por preceitos morais, ao sentir a angústia inconsciente da castração sofrida.

É tomada como um castigo, ao se transformar na culpa, ao ser punido, pela lei que rege os valores morais da paciente.

"É nesse sentido que o supereu acaba por identificar àquilo que há somente de mais devastador, de mais fascinante, nas experiências primitivas o sujeito." (LACAN, 1953-1954, P.123).

No sentido, de se identificar para Lacan, como uma figura feroz, que causa traumatismos, e é levado até a uma fase adulta.

Sendo possível observar certa insegurança presente em suas relações, ao evitar entrar em contato com o centro de suas neuroses ao vivenciar sentimentos conscientes e depois sentimentos e impulsos até o momento inconsciente.

Se mostra determinada, embora inconscientemente se coloque em uma posição de sofrimento, diante da culpa que sente, e por não ser reconhecida pelo pai.

Nutre um sentimento de raiva, seguido de impulsos destrutivos que nutre com relação as pessoas que a negligenciaram, machucaram e a abandonaram.

A paciente se sente muito fraca, quando o assunto é resolver sua situação com o pai. Sendo consciente o papel que a igreja representou em sua vida, como figura paterna.

Tendo também de forma manifesta seus valores enraizados na infância, e o controle que sua mãe exerceu em suas decisões.

Tendo plena consciência de sua dificuldade de não conseguir agir por ela mesma em algumas situações, se colocando como a sombra do outro.

Traz ainda de forma consciente, que quando se trata do pai, se sente pequena, como se tivesse seis anos de idade.

Demonstra não estar preparada para resolver seu conflito com o pai, por medo que ele venha a machucar como já fez outras vezes.

Apresenta humor depressivo ao encarar conflitos que são difíceis de enfrentar. Rindo dela mesma, e dos seus problemas, de modo a tornar mais leve, e suportável sua realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado tem como principio investigar a culpa na construção da subjetividade, no âmbito da clínica.

Através deste estudo, detectou-se a construção da culpa através de preceitos morais, que foram impostos para a paciente.

Sendo possível verificar a imagem introjetada pela a igreja, como estrutura que o constitui como sujeito.

Dessa forma, entendemos que é através do inconsciente que podemos ter uma referência da realidade psíquica do homem que se apresenta na relação com a experiência, em seu meio.

Podemos notar que a maior dificuldade de hoje é conseguir organizar a relação do inconsciente com a linguagem do sujeito. No sentido que a cadeia de significantes , que formam o sujeito, se estruturem no real.

Nesse sentido, a culpa é responsável pelo sofrimento, que é instalado pela autoridade do superego, e por impulsos destrutivos com relação às pessoas que o magoaram. Tendo como alvo principal a figura paterna, na rejeição, desde a tenra infância.

A intensidade do medo da castração sofrida faz com que a paciente se renda a um rival poderoso, e desista do próprio desejo.

De modo a sentir culpa ao reprimir o desejo que sente pelo pai, e deslocando para um outro com tal semelhança a perda sofrida na infância .

Essa rivalidade edipiana está presente ao carregar sentimentos conflituosos que não se encontram elaborados, oscilando entre o amor e o ódio em uma necessidade do outro, ao vivenciar uma incompletude com seu próprio Eu.

A conclusão a que chegamos é que a subjetividade se constrói na relação do sujeito com a sua imagem, que é o que o constitui, a matriz simbólica do Eu. Para depois se constituir no olhar do outro como outro. No sentido, de o ideal do Eu que rege a relação do sujeito com o Outro, dependerá do caráter mais ou menos satisfatório da estruturação do imaginário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LACAN, Jacques, 1901 -1981. O Seminário: Livro I: os escritos técnicos de Freud, 1953-1954/ Jacques Lacan: texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; versão brasileira de Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

FAGES, JEAN-BAPTISTE. Para compreender Lacan. Trad: M. D. Magno e Georges Lazazière. 2.ed.rev. Rio de Janeiro. Ed. Rio, 1975.

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber. Elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

LEONTIEV, Alexis. O desenvolvimento do psiquismo.Lisboa: Horizonte, 1978.

BLEICHMAR, Hugo. Angústia e fantasma: matrizes inconscientes no além do princípio do prazer/ Hugo Bleichmar, trad de Francisco Franke Settineri – Porto Alegre: Artes médicas, 1988. 217p: il; 23cm.

ADORNO, T.W. Educação e emancipação. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995

HENRI Wallon: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil/ Izabel Galvão – Petrópolis, RJ, Vozes, 1995.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. 1.ed. Trad. José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1984. (Psicologia e Pedagogia)

GONZÁLEZ, Rey, Fernando Luís. O pensamento de Vigotsky: contradições, desdobramentos e desenvolvimento/ tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Hucitcc, 2012.

NASIO, J.-D. (2007). Édipo – o complexo do qual nenhuma criança escapa. (A. Telles, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

WEBGRAFIA

PRADO FILHO, Kleber; MARTINS, Simone. A subjetividade como objeto da(s) psicologia(s). Psicol. Soc., Porto Alegre , v. 19, n. 3, p. 14-19, Dec. 2007 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-718220 07000 300003&lng=en &nrm=iso>. Acesso em: 22 Agosto de 2015. http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822007000300003.

ZANELLA, Andréa Vieira. Atividade, significação e constituição do sujeito: considerações à luz da Psicologia Histórico-Cultural. Psicol. estud., Maringá , v. 9, n. 1, p. 127-135, Apr. 2004 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-737 2200 4000 100016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 22 Agosto de 2015. http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722004000100016.

FERREIRA, Aurino Lima and Acioly-Régnier, Nadja Maria. Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação. Educ. rev., 2010, no.36, p.21-38. ISSN 0104-4060 Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/er/n36/a03n36.pdf Acesso em: 22 Agosto de 2015

DUARTE, Newton. Formação do indivíduo, consciência e alienação: o ser humano na p s i c o l ogia de A. N. Leontiev. Cad. CEDES [online]. 2004, vol.24, n.6 Disponível em: h t t p : //ww w. scielo.br/pdf/ccedes/v24n62/20091.pdf Acesso em: 22 de Agosto de 2015

ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de. A importância do outro na transmissão e apropriação do conhecimento e na construção da consciência de si e do mundo.Temas psicol., Ribeirão Preto , v. 5, n. 3, dez. 1997 . Disponível em: < http ://pepsic .bvsalud. org/ scielo .php?s cript=sci _ arttext &pid=S1413-389X1997000300009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 29 Setembro de 2015.

SILVA, Dener Luiz da. Do gesto ao símbolo: a teoria de Henri Wallon sobre a formação simbólica . Educ. rev., Curitiba , n. 30, p. 145-163, 2007 . Disponível em: <http :// www. scielo .br / scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602007000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 01 Outubro de 2015. http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602007000200010

ALEXANDROFF, Marlene Coelho. O Papel das emoções na constituição do sujeito. Constr. psico pedag., São Paulo , v. 20, n. 20, 2012 . Disponível em <http:// pepsic.bvsalud .org/scielo .php? script=sci_arttext&pid=S1415-69542012000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02 Outubro de 2015